
EDITORIAL

Jovens, territórios e práticas educativas

Paulo Carrano*

Este número da *Revista Teias* possui uma unidade que convém mencionar desde já. O conjunto de textos a seguir aponta desafios para a área da Educação relacionados com a ampliação do próprio campo de interlocução em pesquisa. Debruçar-se sobre os processos de escolarização, em tempos-espacos escolares, sem desconhecer que a escola está na cidade e que a escola é também cidade. Reconhecer que nem sempre é na escola que se aprende, que há territórios interagindo com as práticas escolares e que há territorialidades e práticas educativas que nem de longe lembram a escola ou seus processos institucionais de aprendizagem. E, também, reconhecer e refletir sobre a dimensão de caixa de ressonância de múltiplas intersubsetividades atuantes que adentram a escola sem pedir licença. O que fazer? – Buscar compreender múltiplos territórios e práticas educativas escolares e não escolares vivenciados por jovens. É isso que os diversos autores se dedicam a fazer nos textos que se seguem e que assumem, a despeito da unidade arejada acima referida, distintas características teórico-conceituais, enfoques metodológicos, formas, conteúdos e objetivos de comunicação. É possível dizer, então, que os textos deste número da *Teias* percorrem caminhos analíticos que margeiam os limites sempre imprecisos do fenômeno educativo.

A temática deste dossiê carrega uma palavra-conceito que convém explicitar. Trata-se da noção de “território”. A perspectiva que assumimos, e com os quais os textos aqui reunidos parecem compartilhar, é a de que o território é sempre uma construção social, uma relação, relacionamentos, e não essência espacial que antecederia a existência de sujeitos históricos concretos.

Estabelecida a orientação central do dossiê, passo a apresentação do conjunto de escritos que o compõe.

Artigo de minha autoria – “Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência” – dialoga com trajetória de pesquisa e preocupações sobre o que poderíamos chamar de processos educativos ampliados que envolvem os sujeitos jovens, notadamente os oriundos das classes populares. A cidade, em especial a grande cidade, nesta perspectiva, tem sido o lócus privilegiado

* Professor Adjunto IV da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFF. Bolsista Produtividade do Cnpq – nível 2. Coordenador do Grupo de Pesquisa Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF – <http://www.uff.br/observatoriojovem>

de observação e reflexão. Procuro não a conceituar como um mero horizonte espacial ou como um imperativo territorial. O esforço tem sido de pensá-la como espaço pluridimensional onde coexistem múltiplas práticas, experiências, identidades em elaboração permanente e projetos diferenciados. A cidade, nesta perspectiva, se apresenta como uma grande rede de comunicação – com seus fixos e fluxos, tal como nos ensinou o professor e geógrafo Milton Santos – que interpela os atores sociais de diversas maneiras. Os jovens e os demais atores das instituições escolares jogam suas existências nesse tabuleiro urbano atravessado por condições societárias inéditas, complexas e desafiadoras. O artigo discute processos sociais e culturais contemporâneos de transição de jovens para a vida adulta nos espaços-tempos de escolas e cidades e os desafios postos à autonomia e à convivência democrática.

Jean Carlos Gonçalves relata pesquisa que encara a criação cênica como um espaço de co-presença das vozes da educação e do teatro. A pesquisa, resultante de sua tese de doutorado, aposta na dialogicidade bakhtiniana e inova metodologicamente ao realizar a “escuta” de alunos formandos de curso universitário de teatro através de memoriais de prática de montagem. O autor desvia-se, assim, da situação de entrevista que tanto controle e vigilância epistemológica exige de pesquisadores dado o seu duplo caráter de violência simbólica e campo potencial de “produção” ilusões autobiográficas, tal como nos alertou Pierre Bourdieu.

Mírian Barreto e Silvia Martinez apresentam e analisam dados educacionais quantitativos e narrativas de alunos concluintes da educação de jovens e adultos (EJA) e do regular noturno numa unidade escolar da rede pública no norte fluminense. O artigo explicita fragilidades intra e extraescolares que comprometem trajetórias de escolarização de jovens no ensino médio. Fatores múltiplos produzem o grave quadro de distorções idade-série, fenômeno indicativo do processo de sonegação do direito à educação básica de qualidade que acomete parcela expressiva da população jovem brasileira. Ainda que não se apresente como artigo voltado para a “questão da juventude”, contribui para o campo de análise ao se abrir para as narrativas juvenis e os expedientes que os jovens alunos utilizam para o equilíbrio instável que praticam entre os territórios da escola e do trabalho.

No mesmo diapasão do artigo acima citado, que escancara os difíceis caminhos da escolarização de jovens estudantes das classes populares, Mônica Peregrino reitera o rigor metodológico e a precisão conceitual que tem caracterizado suas pesquisas sobre as desiguais condições de escolarização existente na sociedade brasileira. A doutora em Educação e socióloga da educação por ofício e compromisso, Mônica Peregrino revela em sua entrevista o movimento que a fez “mergulhar numa única escola” para revelar, sem pretensões generalizantes, mas com sentido de

totalidade historicamente mediada, múltiplas determinações da expansão degradada da escola pública destinada aos setores populares. A entrevista expõe a dupla face das trajetórias desiguais de escolarização. Uma que se enxerga nas múltiplas espoliações resultantes da vida dos bairros populares e outra que se insinua, nem sempre de forma evidente, nos mecanismos de segregação intraescolar que a pesquisa de Peregrino revelou.

Elmir de Almeida e Marilena Nakano reconhecem a territorialidade educativa presente nos grupos e expressões coletivas juvenis. Em cuidadosa revisão bibliográfica alertam para a necessária precisão conceitual que nem sempre se estabelece na utilização de termos como espaço, território e lugar. Abrem importante perspectiva analítica quando chamam a atenção para a pouca preocupação da dimensão espacial nos estudos sobre os jovens e a juventude que, comumente, privilegiam a noção de tempo e ciclo de vida. Alertam também para a centralidade do espaço escolar e da escolarização nos estudos sobre os jovens, vetor que pode obscurecer outras espacialidades significativas na produção das subjetividades juvenis. Reconstituir a unidade espaço-temporal na análise das práticas culturais juvenis e ampliar olhares para a diversidade de territórios de práticas educativas envolventes dos jovens é o bom chamamento feito pelos autores.

Quantas identidades e afiliações sociais cabem sobre a denominação “grupos”? O artigo do pesquisador português José Machado Pais enfrenta a polissemia da noção de grupos e a multiplicidade de formas e conteúdos que a categoria pode assumir na vida ordinária e também na bibliografia especializada. José Machado Pais é uma referência internacional sobre os estudos de juventude e tem sido interlocutor decisivo para os estudiosos do tema e também para os que se dedicam à interpretação sociológica da vida cotidiana. Neste artigo que apresenta à *Revista Teias* discorre com precisão etnográfica e clareza socioanalítica sobre contextos intergeracionais de modos de vida ciganos – este eterno “outro” – sobre os quais lançou seu olhar atento na comunidade cigana em bairro da periferia da cidade de Lisboa, Portugal.

Por fim, o professor do Instituto de Educação da Universidade Federal Fluminense em Angra dos Reis e professor permanente do Programa de Pós-Graduação da mesma universidade, Elionaldo Julião, elabora resenha sobre o livro *Os jovens e a Cidade* que resultou da tese de doutorado de Paulo Carrano. Um mergulho nas redes de sociabilidade, cultura e lazer de jovens daquela cidade praiana do sul fluminense que, em síntese, se revelou em sua multiplicidade de territórios e práticas educativas aos olhos do pesquisador e autor do livro.

Desejo a todos que caíram na *Teias* uma boa leitura! E que os textos nos animem na busca constante da interpretação dos múltiplos territórios, práticas sociais e processos educativos que nos cobram decifração.